



GEPAL

Grupo de Estudos de Política da América Latina

Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina ISSN: 2177-9503

Imperialismo, nacionalismo e militarismo no Século XXI

14 a 17 de setembro de 2010, Londrina, UEL

**GT 8. Marx e marxismos latino-americanos**

# Considerações introdutórias sobre *Para uma ontologia do ser social* de Georg Lukács\*

Murillo van der Laan\*\*

As duas derradeiras obras lukacsianas, *Para uma ontologia do ser social* e os *Prolegômenos à ontologia do ser social* – ambas de caráter incompleto –, viriam à público depois de mais de dez anos decorridos da morte de Lukács, em 1984 e 1986 na Alemanha.

Todas as debilidades do percurso político de Lukács, sua opção pelo socialismo em um só país, sua insistência em permanecer no interior do Partido Comunista Húngaro, as citações protocolares à Stalin, já haviam levado muitos a descartar a obra da maturidade do filósofo húngaro como uma mera expressão do stalinismo. Some-se a isso que a época da publicação das duas últimas obras de Lukács, diz Nicolas Tertulian, era a mesma do alardeado “desmoronamento do marxismo” pela mídia e teremos o paradoxo de que “a mais ambiciosa e a mais importante reconstrução filosófica do pensamento de Marx que foi possível registrar nesses decênios” viria à tona em contexto tão desfavorável (TERTULIAN, 1995, p. 57).

Se procurarmos as raízes da problemática da ontologia no pensamento lukacsiano, seguindo os apontamentos de Guido Oldrini,

---

\* Artigo baseado no trabalho, ainda em desenvolvimento, de conclusão do curso de Ciências Sociais.

\*\* Estudante de graduação de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. End. eletrônico: murillovanderlaan@hotmail.com.

encontraremos a “virada” em sua leitura de Marx e o início do seu pensamento da maturidade nos anos 1930-1931. O contato com os *Cadernos filosóficos* de Lenin e com os escritos de juventude de Marx, como a *Ideologia Alemã* e os *Manuscritos econômico-filosóficos*, tiveram profundo impacto nas concepções filosóficas de Lukács. Em uma entrevista à *New Left Review*, em 1968, diz o filósofo húngaro:

Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov me mostrou os manuscritos de Marx elaborados em Paris em 1844. Você pode imaginar o meu excitamento: a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica (LUKÁCS apud VAISMAN, 2007, p.251).

Para Oldrini, essa “virada” já tinha, em última instância, um caráter ontológico. Segundo o italiano, ela apropria-se das críticas de Marx e Lenin a Hegel, permitindo a Lukács ver com mais clareza as conseqüências que derivam dos contorcionismos idealistas hegelianos. Como sabemos, essa crítica segue os passos de Feuerbach, mas

ao mesmo tempo, vai além de Feuerbach, uma vez que sublinha com clareza que a humanidade do homem tem o seu verdadeiro ato de nascimento na história; que o homem, como ente que desde o começo reage à sua realidade primeira, ineliminavelmente objetiva, é um “ente objetivo ativo”, produtor de objetivações, um ente que trabalha; que, em suma, a objetividade forma a propriedade originária não somente de todos os seres e de suas relações, mas também do resultado do seu trabalho, dos seus atos de objetivação (OLDRINI, 2002, p. 53).

A categoria da totalidade já cara à Lukács desde *História e consciência de classe* adquire com a “virada” um caráter ontológico fundamental para a compreensão das leis do desenvolvimento objetivo do real. A questão do “momento predominante”, muito importante para Marx, também já figura no pensamento lukacsiano. Sobre isso, Oldrini destaca a colocação do filósofo húngaro em um escrito sobre o realismo:

Marx fala muitas vezes do “momento predominante”, que está objetivamente presente em um nexos dialético e que é tarefa do conhecimento e da práxis tornar explícito; Lenin usa muitas vezes a bela imagem do “elo da cadeia” que deve ser agarrado para segurar firmemente toda a cadeia e preparar a passagem para o elo seguinte (LUKÁCS apud OLDRINI, 2002, p.55).

O salto dado aqui pelo pensamento lukacsiano, permite que ele corrija e refine suas posições de *História e consciência de classe*,

procurando eliminar seus resíduos hegelianos. Nesse momento posterior à derrota das *Teses de Blum*<sup>1</sup>, e de sua insincera autocrítica, o filósofo húngaro, afastado das questões mais diretamente políticas, mas nunca da dimensão da política, elabora sua intervenção no plano cultural.

Retorna então, de maneira muito forte, seu interesse pela estética e pela teoria e crítica da literatura. Com uma perspectiva mais unitária do marxismo proporcionada pela “virada” dos anos 1930, Lukács sinaliza a possibilidade de uma estética autônoma no terreno marxista, na contramão de outros autores marxistas pré-leninianos como Plekhanov e Mehring que se mostravam céticos acerca de tal possibilidade. O filósofo húngaro aborda essa questão da autonomia propondo um *tertium datur* dialético-materialista que não cederia terreno nem ao idealismo nem ao sociologismo (OLDRINI, 2002, p.56).

Como se sabe, o projeto de uma estética marxista só viria a ser completado quase três décadas depois, e consagraria Lukács, para alguns, como o “Marx da estética”. Nesse meio tempo, o filósofo húngaro entrega-se a questões pontuais no âmbito da crítica literária, da política cultural e da filosofia, sempre com o pano de fundo de uma direção, em última instância, ontológica, sinalizando também, em 1947, a possibilidade de uma ética marxista.

A despeito dessa direção, Oldrini alerta,

sublinhar retrospectivamente [...] o quanto os pressupostos e as linhas diretrizes da investigação lukacsiana após os anos 1930 devem imediatamente à teoria materialista marxiana da objetividade, o quanto esta investigação, embora fragmentária, seja em cada ponto, guiada, substancialmente, por ela, não significa que se devam deixar de lado os inconvenientes e os limites que derivam da ausência, como fundamento, de um explícito projeto ontológico (OLDRINI, 2002, p.67).

A perspectiva de um projeto voltado para a investigação sistemática do ser social só virá tardiamente para o filósofo húngaro.

---

2 As teses de Blum foi o documento preparado por Lukács (Blum era seu codinome) em 1928 para o II Congresso do PC Húngaro realizado no ano seguinte. Defendia a instauração na Hungria de uma ditadura democrática de operários e camponeses que não ultrapassaria os quadros da sociedade burguesa. A perspectiva de Lukács foi derrotada pela posição sectária e aventureira de Béla Kun, levando o filósofo húngaro a elaborar uma insincera autocrítica e a se afastar das intervenções diretamente políticas (NETTO, 2008, p.10).

Lukács mostrava até mesmo desconfiança da palavra Ontologia. Associava-a a conotação conferida por Heidegger, o que implicava para ele um valor negativo, significando, no melhor dos casos, “pura antropologia”, sociologia “mitologizada ontologicamente”, “pseudo-objetividade”, como “elevação à realidade daquelas que são apenas ‘formas gerais do pensamento’” (OLDRINI, 2002, p.67).

Será, sobretudo, a obra de Nicolai Hartmann, mas também, posteriormente, a de Ernest Bloch que o fará mudar de perspectiva. Diz Tertulian,

espanta-nos verificar que o próprio projeto de colocar explicitamente a ontologia como base da reflexão filosófica sequer apareça nos escritos que precederam a *Ontologia do ser social*. Podemos, então, dizer que os escritos ontológicos de Hartmann funcionaram como catalisador na reflexão de Lukács; muito provavelmente lhe inculcaram a idéia de buscar na ontologia e nas suas categorias as bases do seu próprio pensamento (TERTULIAN, 1995, p.62).

A definição de Hartmann das categorias como “princípios do ser” muito próxima à perspectiva marxiana de “determinações do ser”, sua filosofia da natureza, as concepções acerca da teleologia, a hierarquia dos estratos de ser do real, influenciaram Lukács na elaboração de sua *Para a Ontologia do ser social*, a qual reserva inclusive um capítulo crítico às considerações de Hartmann.

O conhecimento da obra deste último por parte de Lukács remonta à época de sua *Estética*. Não por acaso, esta obra já demonstra ter um preciso fundamento ontológico. Resgatando as palavras de Lukács, diz Oldrini:

a grande *Estética* se torna a primeira das suas obras na qual [...] “a ambição tornada consciente [...] de conferir uma solução ontológica” à sistemática do marxismo “aparece com toda a sua clareza e dá ao problema ontológico um lugar central na metodologia”; de modo que, conclui ele, “segundo minha concepção, a estética faz parte integrante da ontologia do ser social” (OLDRINI, 2002, p.70).

Uma vez finalizada esta obra, Lukács dá início, segundo Tertulian, a redação de uma ontologia do ser social, como prelúdio à sua *Ética*, em maio de 1960 (TERTULIAN, 1995, p.54). A introdução cresce e acaba por ocupar toda a última década de vida de Lukács.

Aqui se torna explícito a tendência inaugurada a partir de sua virada dos anos 1930. A originalidade da leitura de Marx, presente

tanto na *Estética* quanto na *Ontologia do ser social* revela-se ao lembrarmos, com Ester Vaisman que

o século XX assumiu ou enfrentou o pensamento de Marx a partir do padrão gnosiológico, sem se interrogar se o mesmo era compatível com tal abordagem, supôs que o fosse, com base nos pressupostos de cientificidade corrente. Por outro lado, essa primeira suposição remete a uma segunda, ao do acriticismo contemporâneo em geral, por meio do qual a cientificidade repousa e tem de repousar sobre algum tipo de fundamentação gnosiológica (teoria do conhecimento, lógica ou epistemologia) (VAISMAN, 2007, p.248).

Em uma carta endereçada a Ernest Bloch, em 30 de dezembro de 1970, Lukács discorre sobre sua “nova” leitura de Marx dizendo que trabalhava em uma teoria do gênero humano – distinguindo genericidade em-si e genericidade para-si, e que seria por meio da Ética que deveria desenvolver esta problemática (TERTULIAN, 1995, p.55).

Frente ao empobrecimento do pensamento marxista empreendido pelo stalinismo, Lukács, como vimos, defendia a necessidade de um “renascimento do marxismo”, fundamental para a retomada do verdadeiro projeto da emancipação humana. Nesse sentido caminham seus derradeiros trabalhos sobre a ontologia do ser social que representam, nas palavras de Tertulian:

um gigantesco esforço para examinar passo a passo as categorias fundamentais do pensamento marxiano, a fim de restituir-lhe a densidade e a substancialidade revelando ao mesmo tempo as raízes da sua degradação devida ao stalinismo (TERTULIAN, 1995, p.58).

Se por um lado, portanto, a *Ontologia* contrapunha-se a esse marxismo carregado de teleologismo e determinismo, por outro procurava dar combate ao neopositivismo típico do capitalismo manipulatório, que procurava reduzir a realidade à sua compreensão cognitiva, àquilo que é nela mensurável e redutível a termos lógicos, enquanto se libertava dos problemas ontológicos atribuindo-os à esfera “metafísica” (TERTULIAN, 1995, p.61).

Quarenta anos depois da redação de *Para uma Ontologia do ser social*, a obra lukacsiana viria a contrapor-se radicalmente também à perspectiva pós-moderna. Adiantemos alguns pontos centrais da obra de Lukács para pensarmos o que José Paulo Netto caracterizou como o “terceiro exílio” do

filósofo húngaro, o exílio intelectual no contexto da pós-modernidade (NETTO, 2002, p.78)<sup>2</sup>.

Ao buscar a especificidade do ser social – distinto das formações naturais orgânicas e inorgânicas, mas pressupondo-as – Lukács depara-se com um ser da maior complexidade, onde articulam-se causalidade e teleologia, determinismo e liberdade. Dentro de tal articulação é o trabalho – para Lukács o modelo da práxis – o elemento fundante do ser social.

Para além dessa questão primeira, Netto destaca alguns pontos centrais da *Ontologia*:

- a) A análise lukacsiana tem na categoria da totalidade sua pedra-de-toque;
- b) como o exige toda reflexão centrada nas questões ontológicas, a elaboração lukacsiana ancora-se também numa categoria de substância, só que radicalmente histórica e criativamente redimensionadora das relações entre essência e fenômeno.
- c) abordando a constituição social como um nível específico do ser, tomado este na sua unidade (donde a diversidade dos seus constituintes), Lukács mantém sempre firme a determinação distintiva entre *natureza e sociedade*.
- d) o ser social, para Lukács – como para o *jovem Marx* –, é um ser objetivo, isto é, que se objetiva; a realidade objetiva com que se defronta e a que ele responde, precisamente através das suas objetivações, configura-se como o complexo em movimento das determinações naturais e sociais (exatamente as objetivações acumuladas em processo) que envolvem e constituem o agir social, teleológico; e
- e) a história é o processo de produção e reprodução daquelas objetivações – e se estas, sempre, são teleologicamente efetivadas, o processo histórico, em si mesmo, não dispõe de finalismo (NETTO, 2002, p.90).

Esses são, obviamente, apenas alguns pontos centrais da *Ontologia*, que estão longe de esgotar a riqueza do pensamento do último Lukács. Todavia, para Netto, precisamente neles encontram-se os núcleos de colisão com a ambiência cultural contemporânea (NETTO, 2002, p.91).

Um dos traços característicos desse caldo cultural hodierno é aquele que o pesquisador brasileiro, utilizando-se da definição de Rouanet, caracteriza como “novo irracionalismo”. Diferentemente do irracionalismo passado, que alinhava-se predominantemente às políticas reacionárias e de

---

2 São dois os períodos de exílio de Lukács. O primeiro estende-se por mais de 25 anos, indo da derrota da comuna húngara à libertação da Hungria pelo Exército Vermelho. O segundo, que tem duração de apenas alguns meses, é resultado da repressão do movimento húngaro de 1956 (NETTO, 2002, p.77)

direita, o “novo” assume aspectos progressivos e de esquerda (NETTO, 2002, p.91).

Ademais, ele caracteriza-se por elementos que buscam desqualificar os esforços teóricos-rationais. Netto alude aqui para duas questões em especial: o “abastardamento” do significado heurístico da perspectiva da totalidade e a leviana tematização da noção de crise dos paradigmas. Quanto à primeira, diz Netto:

numa operação em que a ingenuidade epistemológica dá as mãos à ignorância dos clássicos do pensamento dialético (e frequentemente também à má-fé ideológica), na cultura de oposição dominante na academia a perspectiva crítico-teórica da totalidade é identificada com o totalitarismo político – conceito fundamentalmente nebuloso, mas que serve para enfiar no mesmíssimo saco o nazi-fascismo e as colapsadas experiências do socialismo real. Assim “criticada”, a perspectiva da totalidade cede o passo ao empirismo mais rasteiro; quando se restringem as concessões a este, o apelo necessário é a uma “abordagem holística” de óbvias conotações místico-irracionalistas (NETTO, 2002, p.92).

Sobre a crise dos paradigmas reclama Netto:

[...] apropriando-se de elementos polêmicos próprios das “ciências duras” no século XX [...] e da sociologia da ciência à maneira de T. Kuhn, essa cultura acadêmica dominante tornou central, nas suas recentes querelas epistemológicas, a tese da crise (ou colapso) dos paradigmas. Praticamente ignorando a quase centenária crítica marxista ao positivismo e ao cientificismo, instala-se nessa cultura a idéia-chave de que está em curso uma “transição paradigmática” (a expressão é de B. de Sousa Santos), no quadro da qual se esbate a relevância do patrimônio cultural elaborado na Modernidade (NETTO, 2002, p.93).

Sobre esses dois aspectos principais o novo irracionalismo recusa simultaneamente qualquer sistematização teórica mais inclusiva e a formação de uma cultura humanista capaz de envolver mais que expressões imediatistas da conjuntura.

Como afirmamos, esse é apenas um dos traços da cultura hodierna. Esse traço, segundo Netto, possui fortes vínculos e conexões com a cultura acadêmica hoje dominante – esta mesma, distinta do novo irracionalismo e muito mais significativa que este. O pesquisador brasileiro aponta alguns núcleos de colisão desse caldo cultural com as obras da *Estética* e da *Ontologia* de Lukács:

- [...] Lukács empenha-se na determinação da peculiaridade do estético. Ora, na cultura a que nos referimos, põe-se em causa essa peculiaridade; mais: enfatiza-se precisamente a intencionalidade de apagar as fronteiras entre o estético e o não estético;
- aquele empenho centra-se na distinção lukacsiana entre arte e cotidianidade. Entretanto, para os representantes da cultura mencionada, uma tal distinção carece de sentido;
- igualmente, a determinação do estético por Lukács implica a sua mais clara delimitação em face do conhecimento científico. Todavia, na cultura aqui aludida, e nomeadamente no quadro das ciências sociais, essa delimitação tem sido posta como irrelevante;
- tanto no trato da arte como no da ciência, para Lukács permanecem elementares as categorias da aparência e da essência, sem as quais, para ele, não há como implementar e compreender o processo do conhecimento (antropomorfizador ou não). No entanto esse par categorial não desfruta de nenhum valor na cultura em tela – antes, é mesmo visto como suspeito;
- a ciência, que para Lukács, assim como a arte, é um reflexo do mundo objetivo, transforma-se na cultura em questão, em um saber de caráter discursivo, similar a outras discursividades – e, reduzida a discurso, o estatuto de sua verdade encontra-se na retórica;
- a unidade diferenciada que envolve sociedade e natureza (unidade de que, em Lukács, implica a peculiaridade desses modos de ser do ser), sustentada na obra lukacsiana, tende a ser na cultura aqui referenciada claramente substituída por uma identidade – o que, no limite, conduz à tese segundo a qual todas as ciências são sociais;
- a realidade objetiva (que, como se viu acima, é constituída pela práxis social, mas não só), central na obra lukacsiana, tende a ser algo minimalista para a cultura referida, uma vez que sua objetividade é reduzida a dimensões simbólicas, ocorrendo uma semiologização inclusive dos seus níveis materiais [...].
- quanto à categoria do trabalho, pivô das elaborações lukacsianas, ela vem tendo a sua centralidade como constitutiva da socialidade inteiramente deslocada e, em casos mais extremos, assiste-se a um verdadeiro cancelamento de sua vigência na “sociedade pós-industrial”; e
- enfim, no que tange à idéia [marxiana/lukacsiana] de história como processo, também ela é dissolvida num caleidoscópio de representações expressas em discursos que não pretendem mais que se apresentar logicamente articulados (NETTO, 2002, p.94-96).

Tamanhas são essas colisões que Netto sustenta que elas remetem-se mesmo à universos teóricos excludentes. Daí o exílio intelectual ao qual foi submetida a obra de Lukács frente à hegemonia dessa ambiência cultural pós-moderna – tão ampla que abriga autores que vão de Lyotard à B. de

Sousa Santo (NETTO, 2002, p.96). O antiontologismo que predomina aqui, não reserva qualquer lugar para Georg Lukács.

Esse antiontologismo associa-se a uma concepção idealista do mundo social, que acaba por creditar à razão moderna todas as mazelas da sociedade urbano-industrial. Dessa razão, que tudo pode, deriva a ordem contemporânea burguesa.

O que esse idealismo acaba por ocultar, ao culpabilizar a razão moderna, é a responsabilidade da própria ordem do capital e a dominação de classe da burguesia. Por essa abordagem, as alternativas à sociedade capitalista, quando existem, colocam-se no terreno das utopias (NETTO, 2002, p.99).

Não contamos ainda com pesquisas marxistas exaustivas acerca da ascensão da cultura pós-moderna no último quartel do século XX. As análises mais difundidas, entretanto, conectam-na ao marco do capitalismo tardio. Para além dessa conexão, para Netto, duas hipóteses parecem plausíveis acerca da hegemonia do caldo cultural pós-moderno: a primeira refere-se à sua dominância, e sustenta que essa advém da ausência de qualquer movimento social visível que se apresente como uma ameaça real à ordem do capital, uma vez fracassadas as jornadas de maio de 1968; a segunda, afirma que mantida esta ausência, ela conservará sua influência sobre os estratos intelectuais ligados especialmente à vida acadêmica e longe das atividades e experiências conectadas diretamente ao desenvolvimento das forças produtivas materiais (NETTO, 2002, p.100).

Para Netto,

o fim do terceiro exílio de Lukács, ou se se quiser, a alternativa do retorno à sua obra (ou do retorno dela ao debate das idéias) depende de uma profunda inflexão nas tendências em curso na sociedade contemporânea, inflexão capaz de romper com o novo cerco imposto pelo capital ao trabalho – pois é disso que se trata quando se constata a ausência de um forte, massivo e visível movimento social anticapitalista, portador de viabilidade revolucionária (NETTO, 2002, p.101).

A menos que assumamos a perspectiva do fim da história, parece-nos difícil ignorar os momentos de negatividade do capital. A despeito desses movimentos de negação ainda não produzirem o movimento social anticapitalista mencionado por Netto, parece-nos que o resgate do pensamento lukacsiano – ainda que de uma perspectiva minoritária, não hegemônica – é de fundamental importância para aqueles que não se esquivam da perspectiva de uma concreta emancipação humana. Nesse contexto, a derradeira obra de Lukács, como síntese de um percurso intelectual extremamente rico – e muito além das caracterizações simplistas

de “obra stalinista” – coloca-se, a nosso ver, como elemento principal de toda sua produção teórica.

### **Bibliografia**

- NETTO, José Paulo. Georg Lukács, um exílio na pós-modernidade. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Orgs.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- NETTO, José Paulo. Introdução: sobre Lukács e a política. In: LUKÁCS, Georg. *Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- OLDRINI, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Orgs.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- TERTULIAN, Nicolas. Uma apresentação à Ontologia do ser social de Lukács. *Crítica marxista*, São Paulo: Brasiliense, nº 2, p.54, 1995.
- VAISMAN, Ester. A obra tardia de Lukács e os revezes de seu itinerário intelectual. *Trans/form/ação*, São Paulo, nº 30, p.247, 2007.